

# BREVES REFLEXÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA NAVAL BRASILEIRA DOS OITOCENTOS – O pioneirismo de Theotônio Meirelles da Silva\*

**EDINA LAURA COSTA NOGUEIRA DA GAMA\*\***  
Capitão de Mar e Guerra (RM1-T)

---

## SUMÁRIO

A história e o século XIX  
O tema  
A obra  
Considerações finais

### A HISTÓRIA E O SÉCULO XIX

O recorte temporal escolhido para este texto encerra a afirmação da História como ciência. Neste mister, como dito por Manoel Luiz Salgado Guimarães em seu livro *Historiografia e Nação no Brasil (1838-1857)*, temos à época, notadamente a partir de meados dos Oitocentos, a his-

tória do Brasil sendo produzida por ou em instituições que remontavam a um período distinto do mundo europeu então em ebulição, e que deslocara a ocupação com a historiografia para o campo universitário. Assim, “... a historiografia brasileira do século XIX não se submetia aos critérios de uma esfera pública científica, mas às regras de uma academia em que preponderam, de

---

\* Texto apresentado no Congresso Regional da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), em julho de 2014.

\*\* Ex-diretora do Serviço de Documentação da Marinha (SDM) e ex-vice-diretora da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Formada em História pela Universidade Santa Úrsula (USU) e pós-graduada em História Militar pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).

forma quase decisiva, o relacionamento e o contato pessoal”. E neste sentido, diz ainda Manoel Salgado, “... o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desempenhou papel relevante, tendo em vista sua função legitimadora do desenvolvimento histórico contemporâneo” (GUIMARÃES, 2011, p. 258).

Mas em que medida essas observações dizem respeito às “Breves reflexões sobre a historiografia naval brasileira e o pioneirismo de Theotonio Meirelles da Silva”? A resposta está no fato de que duas de suas publicações, *Apontamentos para a História da Marinha de Guerra Brasileira* (primeiro volume – 1881) e *História Naval Brasileira para uso das escolas a cargo do Ministério dos Negócios da Marinha* (1884), tiveram exame crítico realizado pelo então vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

(IHGB), O. H. de Aquino e Castro, por solicitação do ministro da Marinha. Deste modo, estaria a obra de Theotonio Meirelles da Silva inserida no contexto da produção de uma história afeta aos parâmetros do IHGB?

Por ora, a pretensão desta pesquisa é a de referenciar como pioneira a produção da história naval brasileira realizada por Theotonio Meirelles da Silva, iniciada na segunda metade do século XIX.

Assim, no que tange a uma tipologia específica para a história naval empregada no texto, tendo como interface a própria

produção do autor em questão, será feito uso de uma história naval central que consiste “na narração de tópicos abordados com ênfase nos aspectos políticos, diplomáticos e operacionais militares... tendo fortes ligações para com a história militar clássica, enquadrando-a como um segmento da história marítima. Entretanto, dada a própria dimensão do tema, esta história naval pode também ser inserida como um subdomínio da história militar, subdivisão formal da história política” (ALMEIDA, 2012, p. 57).

## O TEMA

### **A produção historiográfica naval no Brasil se inicia na década de 1870, sendo realizada, predominantemente, por oficiais de Marinha**

A produção historiográfica naval no Brasil se inicia na década de 1870, sendo realizada, predominantemente, por oficiais de Marinha ligados de alguma forma à instituição. A esse respeito existem alguns poucos trabalhos a for-

necer um panorama, abrangente ou não, da historiografia naval brasileira. Dídio Costa<sup>1</sup>, ainda em 1938, estabeleceu Theotonio Meirelles da Silva como aquele que escreveu a “primeira História Naval do nosso país” (BRASIL, 1938, p. 13), fato repetido por João do Prado Maia<sup>2</sup> em artigo da *Revista Marítima Brasileira*, em 1957. Mais recentemente, os trabalhos de Paloma Siqueira Fonseca<sup>3</sup> e Francisco Eduardo Alves de Almeida,<sup>4</sup> este mais abrangente, dividem a produção historiográfica naval brasileira em gerações de autores, colocando como precursores do gênero Theotonio Meirelles

1 Dídio Iratim Affonso da Costa, nascido em 1881, dedicou-se em especial às biografias de personagens ilustres da história naval brasileira.

2 Produziu obras de grande relevância para a história naval brasileira entre os anos de 1936 e 1965.

3 Mestre em História pela Universidade de Brasília.

4 Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

da Silva (1820-1887), Manoel Pereira Pinto Bravo (1849-1885) e José Egídio Garcez Palha (1849-1895). A segunda geração, diz ainda a autora Paloma Siqueira Fonseca, “herdou dos historiadores do botão de âncora o empreendimento do conhecimento do passado do Brasil”, movendo-se também pela “pulsão de arquivo” de que estavam imbuídos.

No que interessa à produção deste texto, e mediante seleção realizada sobre a referida primeira geração de historiadores navais brasileiros, corroborada ainda pelo artigo já citado de Francisco Alves de Almeida, Theotonio Meirelles da Silva se apresenta, numa reflexão mais afeta ao próprio tema do trabalho, como pioneiro na produção de uma história naval brasileira propriamente dita. Afinal, Pinto Bravo escreveu uma história naval pautada, majoritariamente, em tópicos afetos à história internacional, dedicando pouco espaço aos feitos da Armada Imperial, tendo usado nesta construção apenas a referência bibliográfica de Pereira da Silva e Ladislau Santos Titara (vide análise da obra por José Honório Rodrigues quando da segunda edição de sua obra), até porque sua produção pressupunha um curso de História Naval, depois aplicado em alunos da Escola Naval. Garcez Palha, por sua vez, com as Efemérides Navais,

**Theotonio Meirelles da Silva se apresenta, como pioneiro na produção de uma história naval brasileira propriamente dita, se preocupou com o estabelecimento da “verdade” e, analisou fatos e documentos, retificando-os**

sua obra mais contundente, tratou de listar os fatos navais desde 1822 e até 1891, com breves verbetes a respeito, sem mais considerações. Há ainda outros pesquisadores à época, considerados memorialistas, na medida em que seus textos tratam de relatos, alguns como personagens atuantes, e carentes de mais informações documentais.

Já Theotonio Meirelles da Silva teve toda a sua produção historiográfica pautada na história da Marinha do Brasil, selecionando, escolhendo, coordenando e construindo sua obra baseada em documentos por ele considerados autênticos e muitas vezes originais. Também se preocupou com o estabelecimento da “verdade” e, embora esporadicamente, analisou fatos e documentos, retificando-os. E, como veremos a seguir, tratou de uma história narrativa que louvasse a

importância do poder naval na trajetória do Brasil de então, cobrindo todo um período de 1822 a 1870.

## A OBRA

Nos assentamentos de Theotonio Meirelles da Silva consta ter nascido em Minas Gerais, no ano de 1820<sup>5</sup>, sendo aspirante a guarda-marinha em 1839, guarda-marinha em 1841, galgando os postos de segundo-tenente (1843) e primeiro-tenente (1852).

5 N.A.: A *Revista de História*, da Biblioteca Nacional, em artigo datado de jan/2011, acerca de conquistas amorosas atribuídas a D. Pedro II, coloca um oficial de Marinha de nome Teotônio Meireles da Silva como seu filho com Gertrudes Meireles de Vasconcelos nascido em 1822, na província de Minas Gerais ([www.revistadehistoria.com.br/seção/capa/deitou-na-cama-e-fez-a-fama](http://www.revistadehistoria.com.br/seção/capa/deitou-na-cama-e-fez-a-fama)). Entretanto, conforme pesquisa realizada no Arquivo da Marinha, o autor das obras em lide, embora nascido em Minas Gerais, era filho de “Domingos Meirelles da Silva e da Joana” (*In* assentamentos do autor).

Foi julgado incapaz para o serviço no mar em 1847 e reformado em 1855. Serviu em diversos navios da Armada, terminando sua carreira na ativa no Corpo de Imperiais Marinheiros. Nada há a respeito da razão de sua reforma, tampouco funções que porventura tenha exercido na Marinha até a gestão do Ministro da Marinha José Rodrigues de Lima Duarte, quando foi colocado adido à Repartição do Ajudante General da Armada, para “organizar apontamentos e escrever a história da nossa Marinha de Guerra ...”.

Nesses próprios assentamentos há uma listagem de seus trabalhos, exceto pelos *Fragmentos históricos e mitológicos*, “mandado reimprimir, etc. ... Rio de Janeiro, 1864, 43 páginas”, que não foi encontrado na Biblioteca da Marinha. Como há referências a uma reimpressão, este livro talvez conste dos artigos publicados pela *Revista Marítima Brasileira* ou mesmo nos *Subsídios da História Marítima do Brasil*; ou ainda na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, e até na Biblioteca Nacional. Há de se pesquisar.

Antes de tratar especificamente de cada um de seus livros, cabe comentar algumas características comuns a todos, quais sejam: respeito absoluto às fontes descritas (não especifica sua localização), visão crítica, busca da “verdade” e da transmissão dos conhecimentos, reconstituição dos acontecimentos num contexto história-batalha, nominação de material e pessoal empregado quando dos embates e movimentações militares, inclusive mortos e feridos, logística, relato concomitante

de ações terrestres/navais, muitas vezes combinadas, quando era o caso, notas explicativas acerca de fatos ou personagens, algumas vezes pertinentes aos próprios documentos descritos, e o estabelecimento crítico às fontes e sua hierarquia. E, como curiosidade em relação à grafia, em todos os seus textos os nomes de navios citados estão em itálico, como até hoje é normatizado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha<sup>6</sup> na produção de suas publicações culturais.

A primeira produção conhecida de Theotonio Meirelles da Silva data de 1876, tendo como título *A Marinha de Guerra Brasileira em Paissandu e durante a Campanha do Paraguai – Resumos Históricos* – e “oferecidos à mocidade estudiosa”. Tem em sua primeira página, num total de 287 de que é composta, uma referência aos leitores. No que foi possível ler ou deduzir (as primeiras palavras, em todas as linhas, estão encobertas por fita-crepe), o autor, usando sempre a segunda pessoa do plural, dizia mais uma vez aparecer na imprensa a serviço da mocidade presente e vindoura..., levando a crer que talvez haja uma produção anterior. E que escrevia o que oficialmente se disse a respeito da guerra naqueles lugares, sem invenção ou criação, tampouco descrição do que não presenciou, sem a comprovada documentação. Não possuía um sumário, tendo o livro os subtítulos “Campanha do Uruguai”, “Paissandu e Campanha do Paraguai”, “Riachuelo”, “Mercedes”, “Cuevas”, “Itapiru”, “Curuzu”, “Curupaiti” (estes cinco últimos agrupados em um

6 Criada em 2008, é oriunda da fusão das atividades do Serviço de Documentação da Marinha (SDM) e da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, sendo a instituição responsável pela orientação e normatização junto às demais organizações da Marinha nas áreas técnicas pertinentes a história, museologia, arqueologia, biblioteconomia, arqueologia subaquática e publicações histórico-culturais. E ainda tem sob sua tutela administrativa o Arquivo da Marinha, o Museu Naval, o Espaço Cultural da Marinha, a Ilha Fiscal, a Biblioteca da Marinha, o Navio-Museu *Bauru*, o Rebocador-Museu *Laurindo Pitta*, a Nau dos Descobrimentos, o Submarino-Museu *Riachuelo* e o Helicóptero-Museu *Sea King*.

só capítulo) e “Última Parte”, sem mais referências aos recortes factuais da Guerra do Paraguai. No desenvolvimento do seu texto, pareceu fazer, em determinados momentos, exposição crítica de alguns fatos, tendo como exemplos: elogios no detalhamento das operações combinadas, rendição de Leandro Gomes e seus líderes e as razões das guerras empreendidas no Prata aos paraguaios. No apoio às críticas sobre a índole paraguaia e os seus governos, citou em seu texto autores como Michaud, Santiago Argos e Bossard, comparando este à Ordem do Dia do Visconde de Inhaúma, em 20/2/1867, em frente a Curuzu. Na exposição que fez sobre a Batalha Naval de Riachuelo, indagou de quem teria partido a voz com a ordem “proa em cima do inimigo e a toda força”. Sobre Osório, era o bravo dos bravos, apesar da sua impaciência e ansiedade. Quanto à Tomada de Curupaiti, muitos documentos descritos acerca das discordâncias entre os líderes da guerra a respeito, notadamente Visconde de Tamandaré e Bartolomeu Mitre. Ao tratar da Passagem de Humaitá, a comparou aos feitos brilhantes dos vitoriosos da guerra americana. Apesar de não titular o período da “Guerra das Chatas”, a relatou também em detalhes, inclusive com considerações estratégicas e táticas a respeito, tratando, ainda, da guerrilha naval empreendida pelos paraguaios. Quando da Passagem de Angostura e da Dezembrada, enfatizou as ações terrestres, não sem sempre mencionar minuciosamente as ações navais no reconhecimento da área de operações e no transporte de tropas, bem como dos embates que vez por vez travavam os navios no Alto Paraná. Ao final do livro, descreveu a perseguição da força naval brasileira aos navios paraguaios, com o bloqueio do Rio Manduvirá, que cessou em 9 de março de 1870, juntamente com os cruzeiros e demais bloqueios pelo Rio Paraguai. E,

por fim, como já o fizera anteriormente, expressou seus elogios aos diversos serviços prestados pelo Corpo de Saúde, com seus hospitais e enfermarias.

Em seu segundo livro (1877, 245 páginas), Theotonio Meirelles da Silva se ateve às ações empreendidas pelo Exército Brasileiro na Campanha do Paraguai, colocando-o como dotado de resumos históricos. Dirigindo-se aos leitores em sua primeira página, repete os dizeres de 1876, acrescentando que, com este livro, “pode-se conhecer a história verdadeira da campanha do Paraguai, perpetuar o conhecimento dos feitos militares brasileiros e fazer com que as gerações vindouras tenham sempre em sua memória os serviços e glórias de seus antepassados ..., entendendo que é um bom serviço que prestamos ao País, à história pátria e à mocidade estudiosa”. Desta vez, embora ainda não possua um sumário, o livro foi dividido em partes. Descreveu, inicialmente, todos os fatos ocorridos quando da invasão de Mato Grosso, com análise da situação militar-naval da região e das ações navais em apoio às tropas terrestres, parecendo culpar o governo pelo ocorrido ao não fortalecer militarmente a área, como solicitado pelas autoridades militares. Em seguida, com a invasão de Corrientes, o autor traçou considerações a respeito da situação política externa da guerra que se iniciava, comentando os interesses e a estratégia de Solano López na região do Prata, que se viu alterada por ele, López, ao ver que o “Brasil não arrepiava carreira e prosseguia na sua proposta de honra”. Mesclando relatos das ações terrestres e navais, com ênfase naquelas, resumiu o feito da Batalha de Riachuelo, atendo-se em detalhes na invasão da província do Rio Grande do Sul pelos paraguaios (Terceira Parte) e fazendo uso, majoritariamente em todo o livro, de documentação afeta às ações terrestres da guerra. Na quarta parte,

iniciada com impressões sobre as vitórias aliadas obtidas até então, os objetos de relato foram a Marcha dos Exércitos Aliados, a Passagem do Paraná e a Chegada ao Passo da Pátria, sempre coadjuvadas pelas forças navais. A essas operações, seguiram-se Estero-Bellaco e Tuiuti (Quinta Parte), com análise do resultado e das dificuldades oferecidas pelo terreno desconhecido aos aliados. E ainda fez uso de documentação primária traduzida do alemão nas batalhas de 10 e 18 de julho de 1866, por não terem sido encontradas fontes oficiais argentinas e orientais a respeito. Na última parte do livro, tratou das operações ocorridas nas Tomadas de Curuzu e Curupaiti, tendo em seu bojo partes oficiais diversas dos chefes militares envolvidos (General Bartolomeu Mitre, Barão de Porto Alegre, Visconde de Tamandaré e General Polidoro), notadamente no que tange a Curupaiti, além das

fontes primárias comuns à obra de Theotonio Meirelles da Silva, já referidas. E que descreviam os conflitos de interesse dos aliados na guerra e, ainda, as divergências estratégicas e táticas a respeito. Numa delas, por exemplo, o General Polidoro criticava o Visconde do Tamandaré pela ideia fixa deste em ter um exército às suas ordens para operar em conjunto com a Esquadra, como que independente do exército aliado. À última página do livro há referência a um “fim do primeiro volume”, parecendo indicar que haveria uma continuação das operações militares terrestres na Guerra do Paraguai.

As obras que se seguiram, em número de três volumes, foram publicadas sucessivamente nos anos de 1881, 1882 e 1883,

fazendo parte do projeto de organizar e escrever a história da Marinha do Brasil, com os *Apontamentos para a História da Marinha de Guerra Brasileira*, do qual fora imbuído Theotonio Meirelles da Silva, por nomeação do ministro da Marinha (Aviso de 29/5/1881).

Em que pese a existência das mesmas características comuns à sua produção historiográfica anterior, esses livros, diferentemente dos anteriores, possuem aspectos pertinentes apenas aos ditos volumes, quais sejam a datação (1808-1828), índices descritivos e, fundamentalmente, o detalhamento da metodologia a ser empre-

gada na construção dos *Apontamentos*. No tópico dirigido aos leitores, e ainda no primeiro volume (1881), Theotonio Meirelles da Silva referiu-se à história como a mestra da vida, a testemunha dos séculos, a fiel depositária do passado, guia seguro do futuro, de interesse de

**Theotonio Meirelles da Silva referiu-se à história como a mestra da vida, a testemunha dos séculos, a fiel depositária do passado, guia seguro do futuro**

todas as classes da sociedade e cujo valor crescia quando do estudo da história do País, de seu princípio, sua origem e seus progressos. Os brasileiros encontrariam nos livros os “necessários apontamentos para que, com verdade, se escrevesse uma das páginas que mais ilustra e glória traz à história do país”. Os apontamentos, “nós os tiramos dos escritos e documentos autênticos”.

A diferenciar esses livros, havia, entre outras especificidades:

a) Primeiro Volume – 273 páginas, anos de 1808 a 1822 – Transcrição de todos os documentos de criação da Marinha do Brasil, do Arquivo Militar, do Conselho do Almirantado e do Conselho Supremo Militar, remontando às origens portuguesas, às

ações da esquadra lusa no Brasil dos anos 1808/1822 e que propiciaram a estruturação da Marinha do Brasil, à praticagem nos portos, tipos, cortes e replantio da madeira para a construção de navios, presas de guerra. Conclui o escritor que aquele que se encarregasse da história do Exército Brasileiro não poderia prescindir de descrever os feitos militares nos anos de 1808 a 1822, o que não se deu com nenhum dos navios de guerra do Brasil, razão pela qual este livro compreendia apenas da criação ou organização da Marinha e de outros que lhe dizem respeito.

b) Segundo Volume – 405 páginas, anos de 1822 a 1825 – Com composição do pessoal das repartições de Marinha, detalhamento da organização do Corpo da Armada (criação do Livro Mestre, nomeação dos oficiais que aderiram à causa da Independência, contratação de estrangeiros, reforma, descrição de alguns fatos pertinentes – voluntariado de Joaquim Marques Lisboa, por exemplo – e outros), aquisição de navios, com considerações a respeito da subscrição popular (transcrição de documentos e doadores) e, ainda, todo o relato das lutas de independência e as rebeliões de Pernambuco, Ceará e Maranhão, aplicando juízo de valor em algumas ocorrências.

c) Terceiro Volume – 268 páginas, anos de 1825 a 1828 – Pertinente à Guerra Cisplatina. Na abertura do livro, dirigida aos leitores, o autor refere-se ao trabalho até então realizado, em que teve de “procurar entre milhares de papéis, esparsos e esquecidos há mais de meio século, aqueles que possam servir para a história da Marinha; ler, estudar e coordenar os documentos escolhidos; copiar, traduzir e decifrar uma grande parte de tais documentos; mandar compor e rever as provas e, finalmente, “ter de aturar as impertinentes críticas dos

invejosos: É uma missão muito difícil... Com este grande número de apontamentos pode-se já escrever um bom volume de história... Escrever história e ser um historiador oficial são duas coisas muito sérias... A primeira parte precisa ter muito talento e ilustração, a segunda... além do ... ser muito independente, ter posição social elevada, e essa ser bem definida... repetimos hoje... ninguém na Marinha está mais habilitado para escrever a história e ser um historiador oficial do que o Conselheiro Sabino Eloi Pessoa\*”.

Infelizmente, o projeto foi interrompido por falta de verbas para as necessárias despesas, fato relatado pelo próprio autor, quando, em 1884, deu-se, ainda como resultante do estudo promovido, a publicação da *História Naval Brasileira para uso das escolas a cargo do Ministério dos Negócios da Marinha* (375 páginas, 1822-1870). Nesta obra, constavam o exame crítico realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, ainda, comentários a um outro que teria sido realizado quando da produção da obra de 1881.

Neste livro, além da compilação da produção historiográfica já realizada, ora resumindo o relato dos fatos ou suprimindo a descrição de fontes primárias, ou ainda incluindo algum outro documento, ou mesmo fatos novos, caso das operações navais no período regencial, há um prólogo acerca de acontecimentos marítimos e navais desde os tempos primitivos até o advento a vapor. No entendimento do autor, essa história era imprescindível à compreensão da história naval brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado das primeiras pesquisas realizadas, a produção historiográfica de Theotonio Meirelles da Silva é um

\* N.R.: Fundador da *Revista Marítima Brasileira*.

instrumento comprobatório dessas breves reflexões. Ao mesmo tempo, a leitura desta documentação revela o quanto ainda há a ser investigado. São lacunas a serem preenchidas quanto às redes sociais estabelecidas por Theotônio Meirelles à época, incluindo suas relações com Sabino Eloi Pessoa e José Egidio Garcez Palha e com o próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E por onde esteve nos 26 anos vividos na reforma até sua nomeação como organizador dos *Apontamentos para a História Naval Brasileira*? Provavelmente, cumpria algum expediente numa área de arquivos. Senão, como reuniu tanta documentação oficial? E, hoje, essa documentação faz parte da coleção do IHGB? Na historiografia naval brasileira, que autores fizeram uso sistemático de sua obra?

Enfim, há um longo caminho a ser percorrido nas pesquisas acerca da obra de Theotônio Meirelles da Silva, que com esse texto ora se iniciam. É preciso buscar

as origens de suas fontes documentais, estabelecer as redes sociais havidas entre os historiadores navais do período, identificar o uso sistemático ou não de seus escritos e fontes por aqueles estudiosos que se seguiram e, mais ainda, analisar a produção historiográfica naval dos Oitocentos no propósito de tentar caracterizá-la como

uma estratégia política fomentada pelos chefes navais à época nos estabelecimentos de ensino da organização. E, assim, promover uma mentalidade marítima e o papel preponderante do poder naval no País que se afirmava.

Entretanto, pelo exposto, não há dúvidas de que os historiadores navais brasileiros, ao longo do tempo, “podem até ser melhores

do que os anteriores do ponto de vista teórico-metodológico, na abrangência e profundidade de sua análise, mas não os substituem nem os tornam descartáveis...” (REIS, 2007, p. 12). E tampouco foram eles ultrapassados, desde que lidos em sua época. E, dentro dela, são insuperáveis. É

**Há um longo caminho a ser percorrido nas pesquisas acerca da obra de Theotônio Meirelles da Silva. E, assim, promover uma mentalidade marítima e o papel preponderante do poder naval no País que se afirmava**

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA>; História da Marinha do Brasil; História naval;



o caso de Theotonio Meirelles da Silva.

### BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ALMEIDA, Francisco Alves de. “A Historiografia Naval Brasileira (1880-2012): uma visão panorâmica”. *Revista Brasileira de História Militar*, Rio de Janeiro, ano 3, nº 8, p. 30-64, ago. 2012.
- BARROS, José D’Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRASIL. Ministério da Marinha. Serviço de Documentação Geral. *Subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1938-1972. v. 1.
- FONSECA, Paloma Siqueira. “Arquivos da Marinha e historiadores”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil (1838/1857)*. Rio de Janeiro EdUERJ, 2011.
- ÍNDICE remissivo. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 2001.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. v. 1. 9. ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- SILVA, Theotonio Meirelles da. *Produção historiográfica*. 1876-1884.



# Biblioteca da Marinha

Com um acervo cartográfico de aproximadamente 4.000 exemplares, a Seção de Mapoteca da Biblioteca da Marinha possui uma coleção de cartas náuticas, mapas históricos, livros atuais e raros de cartografia, além de mapas e atlas de renomados cartógrafos, como Mouchez, Roussin, Bellin, Albernaz, entre outros.

Além disso, disponibiliza mais de 65 mil volumes nas áreas de História Naval, História Geral e História do Brasil. Um destaque também para a Seção de Obras Raras, com assuntos científicos e roteiros de navegação.

*Conheça mais sobre os mares dos grandes navegadores da história e navegue pelos séculos!*

Aberta de segunda a sexta - 8h às 16h  
Rua Mayrink Veiga, 28 - Centro - Rio de Janeiro  
Tel.: (21) 2516-8784  
[www.dphdm.mar.mil.br](http://www.dphdm.mar.mil.br)